



**UNIFORMES E ESPELHOS: identidade e memória em Machado de Assis e Conceição Evaristo**

**UNIFORMS AND MIRRORS: identity and memory in Machado de Assis and Conceição Evaristo**

**UNIFORMES Y ESPEJOS: identidad y memoria en Machado de Assis y Conceição Evaristo**

**Edna Sousa Cruz<sup>1</sup>, Eduardo Oliveira Melo<sup>2</sup> & Kátia Carvalho da Silva Rocha<sup>3</sup>**

---

<sup>1</sup> Edna Sousa Cruz é Doutora em Letras pela UFT; docente do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLE) UEMASUL. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7610-5560>. E-mail: [edna.s.cruz@hotmail.com](mailto:edna.s.cruz@hotmail.com).

<sup>2</sup> Eduardo Oliveira Melo é Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) na linha "Literatura, diálogos e saberes". Graduado em História (licenciatura) pela UEMASUL, Campus de Imperatriz. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9453-684X>. E-mail: [oliveiramello839@outlook.com](mailto:oliveiramello839@outlook.com).

<sup>3</sup> Kátia Carvalho da Silva Rocha é Doutora pela UFRJ em Ciência da Literatura, na área Literatura Comparada (2011). É professora adjunta IV na UEMASUL, docente permanente no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras ; Curso de Mestrado em Letras/ UEMA, área de concentração: Teoria Literária e professora no Mestrado Profissional em Letras da UEMASUL. Pesquisadora do grupo GELITI (Grupo de Estudos Literários e Imagéticos). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9391-0526>. E-mail: [katiacarvalhos@gmail.com](mailto:katiacarvalhos@gmail.com).

**Resumo:** Este estudo tece uma leitura intertextual e comparativa entre o conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis, e o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Objetiva-se, a partir da problematização da ideia de identidade e memória coletiva, tensionar essas noções enquanto ferramentas constitutivas das personagens Jacobina e Luandi. A leitura analítica dos dados sinaliza o papel da memória coletiva como instrumento de reconstituição de identidades perdidas, especialmente a partir de objetos simbólicos, como a farda de alferes e as peças de barro.

**Palavras-chave:** Identidade; Memória; Conto machadiano; Romance evaristiano.

**Abstract:** The current study weaves an intertextual and comparative reading between the Machado de Assis' short story *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* and the Conceição Evaristo's novel *Ponciá Vicêncio*. The aim, based on questioning the idea of identity and collective memory, is to tense these notions as constitutive tools of the characters Jacobina and Luandi. The analytical reading of the data highlights the role of collective memory as an instrument for reconstituting lost identities, especially through symbolic objects, such as the ensign's uniform and the clay pieces.

**Keywords:** Identity; Memory; Machado's short story; Evaristo's novel.

**Resumen:** Este estudio teje una lectura intertextual y comparada entre el cuento *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis, y la novela *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. El objetivo es, a partir de la problematización de la idea de identidad y memoria colectiva, tensionar estas nociones como herramientas constitutivas de los personajes Jacobina y Luandi. La lectura analítica de los datos destaca el papel de la memoria colectiva como instrumento de reconstitución de identidades perdidas, especialmente a través de objetos simbólicos, como uniformes de alférez y piezas de barro.

**Palabras clave:** Identidad; Memoria; Cuento machadiano; Romance evaristiano.

## INTRODUÇÃO

A fragmentação das identidades é um fenômeno que caracteriza a modernidade, posto que as sociedades modernas, de acordo com Hall (2006), são, por definição, sociedades nas quais as mudanças se operam de modo rápido, contínuo e constante. Diante de sociedades cada vez mais cosmopolitas e heterogêneas – devido aos avanços da mídia, das propagandas que circulam pelos canais de comunicação e da disseminação de produções culturais –, a fragmentação do sujeito, enquanto mecanismo mental, avoluma-se na conjuntura

atual, em razão dos estímulos externos determinados pela globalização. Ao abordar essa pauta importante nas discussões sobre globalização e identidade cultural, Hall (2006) advoga que, “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (p. 74). Diante da tendência ampla e generalizada em direção à homogeneização global das identidades nacionais, que termina por enfraquecê-las, a consequência mais natural dessa mudança é que, se antes elas eram centradas, coerentes e inteiras, agora estão sendo deslocadas.

Em decorrência do processo constante de pulverização das identidades, reconhecível no período moderno, Hall (1997; 2006) afirma que pensar o sujeito como constituído de uma única identidade é mera ilusão. Isso porque o sujeito, posto seu processo de descentralização, é constituído por identidades fragmentadas, móveis, que vão tomando formas diversas nas diferentes situações que ele vivencia e nas interações sociais que ele experiencia. Todavia, nesse assumir versões diferentes de identidades em contextos distintos, o sujeito vivencia o que Hall convencionou denominar de crise de identidade. Para o autor:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar (Hall, 2006, p. 13).

Na era da globalização e da interconexão, somos expostos a narrativas que desafiam a noção de fixidez e singularidade da identidade. Sob essa perspectiva, pensar a multiplicidade de identidades possíveis implica considerar que elas se constroem por meio das influências externas e internas, pelo modo como o sujeito se relaciona com o mundo e com os outros, pela sua busca por um senso de pertencimento em meio a vozes e demandas diversas. Em consonância com a ideia de identidade, a noção de representação torna-se essencial para a análise das múltiplas identidades do sujeito moderno.

O historiador Roger Chartier (1997) define as representações como discursos ou imagens que tornam palpável uma ausência – a balança como símbolo da justiça – ou uma presença – brasão de armas como representação da autoridade de um rei. As representações, por conseguinte, estão sempre revestidas de camadas de interesses político-ideológicos, em uma tentativa de fazer triunfar, no campo social, determinadas distinções, objetivos, classificações e práticas.

Como informa Chartier (1997), as representações se articulam com práticas que visam justificar certa identidade, grupo ou posição hierárquica. As diversas formas de expressões criadas e empregadas em determinada cultura funcionam como uma linguagem, mesmo não estando necessariamente escritas ou registradas. Isso ocorre por produzirem um sentido capaz de circular através da sociedade, por meio das representações que os indivíduos concebem a partir do uso, classificação e reações diante de tais produtos culturais.

Para Hall (1997), as representações que os participantes de uma cultura expressam em relação aos produtos geram uma identificação mútua, pois terminam por partilhar uma mesma linguagem e sentido. Já na visão de Kathryn Woodward (2014), as representações e seu simbolismo são fundamentais para o estabelecimento da diferença entre grupos: um sistema classificatório propõe a divisão de uma sociedade através de determinada característica, gerando identidades opostas. Para a autora, a formação identitária necessita recuperar um passado histórico que a justifique como única e distinta (Woodward, 2014). Uma necessidade dessa natureza, de restauração de lembranças e concepções do passado, implica um profundo trabalho de rememoração efetuado pela memória.

Considerando a dicotomia entre memória individual e memória coletiva, Maurice Halbwachs (2006) toma a segunda perspectiva como a única possibilidade de funcionamento das lembranças. A justificativa de tal proposição se revela a partir da noção de que, ao se evocar uma lembrança, o sujeito está constantemente se inserindo em grupos e formações sociais que ele efetivamente integra ou dos quais já foi parte. O acesso às lembranças depende, por fim, da inserção da consciência individual em certas correntes de pensamento, que carregam as lembranças acerca das experiências e as ideias de determinado grupo. Assim, a memória, sob a perspectiva supracitada, está profundamente ligada à compreensão identitária e ao papel histórico exercido por conjunturas sociais.

Halbwachs (2006) argumenta, ainda, que a memória é o elo que mantém a identidade do sujeito ligada à história de vida que a moldou e ao grupo de referência com o qual ele estabeleceu uma comunidade de pensamentos. Essa pertença a um grupo de referência afigura-se, para esse sociólogo, a condição primeira para a construção da memória, posto que, para ele, a tessitura da memória não emerge de indivíduos isoladamente, mas das interações sociais, o que implica considerar a relação simbiótica entre a memória individual e a coletiva. A esse respeito, Halbwachs (2006) afirma que “cada memória individual

é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, de modo que esse “ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e [...] o mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (p. 69). Logo, perpassam, por esse ponto de vista, a vivência e as interpretações do indivíduo, as quais são influenciadas pelas relações sociais e pelo ambiente em que está inserido.

As problemáticas da identidade e da memória teorizadas pelos estudiosos da área encontram, no espaço ficcional, campo fértil para análise. Para o crítico Antonio Candido (2007), as obras literárias envolvem certo nível de elaboração imaginativa da realidade, na qual o escritor reorganiza situações, sentimentos e vivências em uma trama ordenada. A literatura, advoga Candido (2007), está subordinada não somente à capacidade criativa do literato, mas aos esquemas mentais que pairam sobre a sociedade em que o autor e suas experiências estão circunscritas.

Portanto, a obra literária traz sinais e pistas das condições sociais que levaram o criador a se posicionar através de sua escrita, de sua arte (Candido, 2006). De fato, é o ambiente, o entorno do escritor, e as experiências dele coletadas que impulsionam determinadas escolhas, bem como a forma literária que melhor se harmonize ao que quer escrever. O escritor imagina e fabula, empregando conteúdos que estão impressos no seu inconsciente, mas que também povoam a memória coletiva de seu povo, de forma que, nessa simbiose, entre o eu que escreve e o que na escrita está representado, destaca-se a capacidade do escritor de, sobretudo, reinventar o vivido. Desse modo, como afirma Candido (2006):

[...] arte é social nos dois sentidos: depende da ação e fatores do meio, que se exprimem na obra em diversos graus de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe dos graus de consciência que se possa ter a respeito os artistas e os receptores de arte (Candido, 2006, p. 29).

Tendo em vista essa natureza social que fundamenta a obra literária, o processo de ficcionalização que envolve a existência do literato em nível tão íntimo, pressupõe-se que a memória coletiva pela qual o autor é perpassado, bem como sua identificação pessoal com grupos e representações contemporâneas tornam-se parte de sua escrita, consciente ou inconscientemente. Assim como a memória não existe em um subjetivismo radical, pois necessita da influência de

seu meio social para que seja mantida, a escrita literária não relega seu ambiente sociocultural como fator constituinte, por mais que se distancie dele.

As obras de Conceição Evaristo e Machado de Assis – respectivamente o romance *Ponciá Vicêncio* (2017) e o conto *O espelho*<sup>4</sup>: *esboço de uma nova teoria da alma humana* (1882) – representam as percepções de identidade e representação comuns ao período e à sociedade que as condicionaram, durante sua escritura. Em *Ponciá Vicêncio*, Luandi, irmão da protagonista, é consumido pelo ímpeto de se tornar soldado e pela paixão pela prostituta Biliza, cujo final trágico lhe causa profunda tristeza. Por seu turno, Jacobina, o filósofo de *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, torna-se dependente de um uniforme de alferes e dos elogios a ele dirigidos, para perceber sua própria existência. Por meio do sonho de se tornar soldado do primeiro e da dependência interior ao uniforme do segundo, as histórias se entrelaçam em um terreno fértil para a discussão das múltiplas identidades que permeiam o indivíduo.

O artigo está dividido em cinco seções, a contar com esta parte introdutória. Na segunda seção, discorre-se as concepções de Machado de Assis e Conceição Evaristo sobre identidade e memória, na construção de seus personagens. Na terceira seção, tece-se uma análise acerca dos objetos que, para as personagens, geram identificação, pertencimento e diferenciação. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências.

100

### **A IDEIA DE IDENTIDADE E MEMÓRIA nas tramas machadiana e evaristiana**

O texto literário, aqui entendido como registro de cada momento, é um importante suporte para se refletir sobre os contextos de produção e as particularidades que caracterizam a criação. Cada época produz obras literárias e, respectivamente, sentidos, ao representar e interpretar os sujeitos em sociedade.

Machado de Assis recorre à experiência crítica e social do Brasil de seu tempo, ao passo que emprega componentes das intrigas ficcionais comuns na Europa. Ele, como define Schwarz (1987), “é o nosso primeiro romancista que se

---

<sup>4</sup> O termo, ao ser utilizado em itálico, refere-se ao conto, enquanto a ausência dessa marcação indica o objeto.

pode ler sem o desconto de simpatia devido ao compatriota, não sendo por isto menos nacional” (p. 168). Por meio de sua escritura, ele, com os dramas universais, vai mais longe do que os autores de sua época, na transição do dado social e no aproveitamento crítico da literatura brasileira anterior (Schwarz, 1987). Para Machado de Assis, a ideia de identidade se forjaria na vivência subjetiva e social de suas personagens, as quais experienciam dramas e valores típicos do século XIX, considerando as especificidades da sociedade brasileira.

A escritura de Evaristo sobre as vivências das minorias brasileiras se contrapõe ao silêncio histórico imposto pela escravidão e retoma a oralidade e a ancestralidade das origens africanas (Evaristo, 2020). Acerca das múltiplas narrativas e conflitos que constituem a identidade nacional, Evaristo sustenta ser essa condição particularizada que a conduz a uma experiência diferenciada de nacionalidade e à sua percepção das particularidades de outras experiências como a de ser *brasileirovívida*, nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc. Essa percepção de Evaristo vai ao encontro do que Paul Gilroy (2001), ao considerar sua identidade negro-europeia, chamou de *dupla consciência*, o que, dito de outro modo, significa assumir um estado de continuidade entre ambas as heranças étnicas – britânica e africana –, em uma modernidade que busca, cada vez mais, através de discursos políticos, antagonizá-las.

101

Em *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, Jacobina, descrito por Assis (2011) como provinciano, capitalista e inteligente, é inquirido por um dos colegas filósofos a se manifestar sobre a natureza da alma humana. De modo sagaz, ele se desvencilha respondendo que não discutiria o assunto, mas que poderia contar um caso de sua vida que ilustraria sua teoria geral de que todo ser humano não possui uma alma apenas, mas duas: uma interior e outra exterior; e que ambas se complementariam. Adentrando em sua narrativa, Jacobina irá retomar a sua memória em uma situação particular: o período em que fora nomeado alferes da guarda nacional.

A história de um homem que ascende socialmente devido ao cargo que adquire e que se vê sufocado pela própria posição é, por certo, uma trama universal, mas que traz elementos típicos do Brasil oitocentista, como o status concedido aos cargos públicos. Alfredo Bosi (2017) diz que o conto em pauta “[...] leva a corrosão da suspeita ao âmago da pessoa, evidenciando como o papel social e os seus símbolos materiais (uma farda de Alferes, por exemplo) valem tanto para o *eu* quanto a clássica teoria da unidade da alma” (p. 193). A metáfora

da corrosão aludiria ao impacto destrutivo da insegurança na percepção que o sujeito tem de si quanto à validação externa, esta tecida por meio de símbolos sociais.

A construção da identidade de alferes, para Jacobina, só ganha corpo a partir dos sujeitos exteriores que lhe acolheram ou lhe repeliram (estes, devido à inveja) pela sua promoção: “acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura” (Assis, 2011, p. 212). A família de Jacobina é o primeiro grupo que reconhece sua identidade profissional e é também o primeiro ao qual sua memória recorre para reavivar sua identidade de alferes. Outro grupo através do qual o narrador irá evocar suas lembranças é dos colegas que o rejeitaram e os que o ajudaram a comprar a farda: “Lembra-me alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés [...]. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos...” (Assis, 2011, p. 212).

Na narrativa de Jacobina, a sua identidade de oficial irá se delinear através da memória, e esta somente virá à tona por meio da inserção de sua consciência em seus grupos afetivos. A natureza coletiva da memória ganha espaço na narrativa machadiana como forma de moldar a identidade de alferes mencionada por Jacobina, narrador autodiegético. Mesmo em um contexto em que as percepções interiores são o foco do indivíduo, elas só podem ser manifestadas por meio do contato deste com as impressões e percepções dos grupos aos quais pertenceu ou com que teve proximidade. Halbwachs é assertivo ao afirmar que:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento do passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2006, p. 39).

Isso posto, para que a existência de uma lembrança permaneça em nível subjetivo, é preciso que ela esteja em voga nos diversos grupos aos quais o indivíduo se filia, reforçando-a, vivenciando-a diversas vezes. Em *Ponciá Vicêncio*, as memórias de Luandi emergem a partir do grupo em que se insere, e sua reconexão ocorre à medida que ele se desfilia da falsa identidade de soldado e reassume sua própria história e identidade de homem negro do campo. Luandi,

assim como Jacobina, não pertence originalmente ao centro urbano – homem negro e trabalhador do campo, ele migra para a cidade em busca de sua irmã e de melhores condições de vida. De modo análogo ao que ocorre com a personagem machadiana, a memória coletiva será instrumento crucial de um jogo de identidades que se desenhará em sua trajetória.

Em *Ponciá Vicêncio*, as problemáticas da identidade e da memória se articulam por meio da história, do tempo e do espaço narrativo. Luandi José Vicêncio, irmão da protagonista, é um homem negro, não escolarizado. Após a morte do pai e a partida da irmã Ponciá para a cidade, ele decide também ir embora da Vila Vicêncio, local onde nasceu e se criou. Ao chegar na cidade, foi acolhido pelo soldado Nestor, que lhe arrumou emprego de faxineiro na delegacia. Seu maior sonho era ser soldado, ter voz de mando.

A convivência com o soldado Nestor desperta, em Luandi, o desejo de se tornar soldado, para que pudesse ter voz de mando. Após ser encaminhado à delegacia pelo soldado negro Nestor, Luandi se surpreende ao descobrir que, “na cidade, negro também mandava!” (Evaristo, 2017, p. 61). Esse desejo de assumir lugar de mando irá permear toda a trajetória da personagem, que, a partir das lembranças de sua família, entrará em conflito com sua ancestralidade, principalmente no que se refere à herança da escravização no histórico familiar.

Um dos momentos nos quais aflora o conflito entre as identidades de soldado e de homem camponês é quando Luandi decide retornar ao seu lugar de origem. Como ainda não é soldado, ele toma emprestada a farda do seu colega Nestor, por querer “chegar ao povoado feito gente importante, feito gente de mando” (Evaristo, 2017, p. 67-68). Ao chegar na vila, Luandi não encontra sua mãe nem sua irmã, sua casa está vazia. Sozinho na Vila Vicêncio, ele é tomado por uma profunda solidão, que se assemelha àquela que se abate sobre Jacobina quando todos os escravizados fogem, e seus familiares não estão presentes. Nessa solidão que toma Luandi é que uma identidade mais forte apodera-se do lugar da anterior: a de homem negro do campo. Conforme o narrador expõe:

Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os homens, lá na África, entoavam sempre, quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar (Evaristo, 2017, p. 75).

O canto entoado por Luandi, conforme Lopes (2019), caracteriza o rito do retorno para casa, ao mesmo tempo em que remete à musicalidade característica das comunidades de matriz africana, onde cada acontecimento de vida é acompanhado de um canto diferente. Ressoam, pelo canto entoado por Luandi, o aviso de sua chegada e o anseio de reunir sua família. É um retorno às memórias afetivas acionadas pelas “cantigas de voltar”, herança de seus ancestrais materializada em uma língua africana, canção que só os negros mais velhos conheciam.

O desejo de Luandi de se reconectar com as raízes, com as histórias de luta e resiliência, evocadas pelo canto do retorno, configura-se uma diferença entre o conto e o romance. A identidade de sujeito negro campesino de Luandi é formada a partir das vivências coletivas de sua ancestralidade. Para se constituir como ser, ele precisa retornar às suas origens, porque lá é o lugar de sua força. Diferente dele, o suporte de Jacobina está no valor social atribuído à farda, que é o símbolo de poder e ascensão para o grupo do qual faz parte. Há, portanto, uma memória que é coletiva e que conecta Luandi com sua identidade negra. Retomando as ideias de Halbwachs (2006), na evocação de lembranças, o sujeito nunca se encontra isolado. Mesmo materialmente sozinho, a linha de pensamento do grupo acompanha Luandi e o engloba nas percepções coletivas.

104

Adiante, no vazio da casa, a personagem presentifica sua família através das lembranças: “A lembrança das duas voltou viva e dolorida dentro dele. Olhou mais uma vez o quarto em que dormiam. Esperou por uns instantes crendo ainda que elas sairiam lá de dentro. E como isso não aconteceu, se encaminhou em direção à saída, puxou a porta e se foi” (Evaristo, 2017, p. 77). As lembranças afetivas de Luandi são perpassadas pela dor da perda causada pela dispersão familiar. A personagem encontra-se entrincheirada entre o conforto de suas memórias familiares e a dureza da realidade que a ausência delas provoca. O quarto, enquanto espaço do qual as lembranças emergem, é também o espaço que o coloca diante do conflito de manter-se preso ao passado ou libertar-se dele. Outrossim, a porta, simbolicamente um limiar entre o mundo externo (livre e, por consequência, angustiante) e a vida familiar, limitada, mas segura, aconchegante, é fechada, de modo a revelar o assentimento de Luandi com a nova configuração que a vida lhe acena.

Próximo ao fim do romance, o destino de Luandi será revelado pela velha Nêngua Kainda, uma mulher tão velha quanto o tempo, que “parecia uma

miragem” (Evaristo, 2017, p. 81). Símbolo de uma sabedoria arcana, é dela a percepção de que ser soldado não estaria no caminho de Luandi. Ele, por seu turno, não crê no auspício, que, ao fim, provou-se verídico. Ao se reconhecer como negro, o personagem abandona o posto de soldado e, por conseguinte, sua identidade de militar. Para ele:

Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (Evaristo, 2017, p. 110).

O indivíduo não está isento, em sua jornada de autoconhecimento, de conhecer também aqueles que lhe originaram, sua linhagem longínqua, distante no tempo e no espaço, mas que se faz presente, que se (re)apresenta no agora da própria personagem. O “texto” da vida, mistério a ser escrito, comunicação, contato, vínculo, completitude almejada, só se faz no fluxo do passado, presente e futuro. Há, desse modo, uma consciência do eterno devir ao qual o ser está sujeito.

Ao se estabelecer um diálogo entre as narrativas de Jacobina e Luandi, é possível notar semelhanças e dessemelhanças no tratamento das relações entre memória e identidade. No conto machadiano, a memória coletiva permite a Jacobina, a partir das percepções de outros indivíduos, recuperar um estado de identidade (ele o chama de alma), em que sua identidade de outrora foi sufocada e oprimida, criando uma dependência doentia das impressões e representações que os outros dela faziam.

De igual modo, no romance de Conceição Evaristo, a memória coletiva implica um retorno às raízes negras da personagem, o que a leva a desvencilhar-se da identidade de soldado, tão almejada no contexto urbano. A diferença essencial, nos dois casos, concentra-se em um ponto de vista moral. Enquanto que, no conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, a identidade corrosiva, dependente dos aplausos e da vaidade, sobrepõe-se à identidade anterior, do homem qualquer, na narrativa de *Ponciá Vicêncio*, a identidade ancestral, comprometida com o passado e com o futuro coletivo, vem à tona sobre aquela constituída de interesses egóicos.

## **OBJETOS DA DIFERENÇA: o espelho, a farda e as esculturas**

No conto de Machado de Assis, *Jacobina*, o teórico das duas almas, acaba por ter sua identidade anterior suprimida pela identidade de alferes; em suas próprias palavras: “o alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou para que a primitiva cedesse a outra” (Assis, 2011, p. 214). O elemento instituidor dessa identidade nova é, decerto, a farda de alferes, mas não só isso. A farda é também um elemento que gera uma diferenciação entre a personagem e aqueles que não se encontram no mesmo estágio da hierarquia social. Na visão de Woodward (2014), as identidades são retificadas pelos objetos utilizados pelos indivíduos; no caso de *Jacobina*, a identidade de militar está intimamente interligada ao uso do uniforme. O advento do cargo de alferes é posto em oposição à antiga identidade de *Joãozinho*.

Ao final do conto, a personagem desfilia-se completamente da identidade de um homem qualquer, irrelevante, em favor de sua identidade de alferes. Enfrentando uma solidão angustiante, sem ter ninguém para lhe bajular, *Jacobina* se olha no espelho e não se enxerga mais. No entanto, resolve vestir a farda e se olhar no espelho, e o resultado é a restauração de si por meio da sua alma exterior, enxergando nitidamente o alferes:

Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para o outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir. (Assis, 2011, p. 220).

Ao falar em termos de “sono” antes de voltar a si, *Jacobina* deixa notar o teor de dormência em que sua alma se encontrava. O borrão que antes se refletia no espelho, que, em verdade, é mostruário de sua interioridade, torna-se uma imagem nítida e articulada. *Jacobina* tem sua “alma” novamente, por um tempo determinado, tempo que ele mesmo estabelece para assumir sua identidade de alferes com sua indumentária específica, o que se assemelha fortemente a um ritual. O espelho adquire o teor de um altar, perante o qual a personagem sente-se plena. O objeto torna-se parte de sua identidade, uma vez que o permite dispensar a atenção de outrem, podendo o alferes admirar a si mesmo.

Após terminar sua narração, o conto se encerra da seguinte forma: “Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas” (Assis, 2011, p. 220). Essa saída brusca poderia ser interpretada como a permanente necessidade de Jacobina de se vestir como alferes e se encarar no espelho. Corrobora para essa interpretação o fato de que, no início do conto, enquanto os amigos debatem acerca de temas metafísicos, a personagem está a dormir: “havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando” (Assis, 2011, p. 208). O sono, o momento de descanso, de anulação dos movimentos, oferecia-se como única forma de evitar a tortura do não reconhecimento de sua identidade.

A personagem machadiana consegue recobrar a identidade de alferes por meio dos sonhos e da representação que a sociedade corrente tinha do cargo de alferes, isto é, aquele que merece todas as regalias, congratulações e favores. As imagens que Jacobina vê, em seus sonhos, não estão muito distantes de uma recente realidade que o circundava e que era endossada por seus parentes e também pelos escravizados, mas que agora está perdida. Esses quadros supõem tanto o orgulho da personagem em assumir o cargo de alferes, quanto seu ímpeto de que merece ainda mais regalias, mais poder e influência.

Luandi, que busca se tornar um soldado, toma emprestada uma farda de seu colega Nestor, para voltar à sua antiga casa: “Luandi José Vicêncio vestiu a farda surrada, que ele mesmo lavara e passara e, coração aos pulos, se encaminhou para a estação.” (Evaristo, 2017, p. 68). Trazendo mais uma vez a noção de diferença de Woodward (2014), os sistemas classificatórios implicam um critério de diferenciação entre o eu e os outros, constituindo um lugar social para o indivíduo, definindo quem ele é. Luandi demonstra ter noção dessa diferenciação essencial entre aquele que possui o cargo de soldado – e o poder a ele instituído – e aqueles que não estão no mesmo nível de hierarquia: “por enquanto não era soldado ainda, estava apenas ensaiando, mas um dia chegaria em que ele haveria de ser um soldado verdadeiro. Desses que prendem e batem” (Evaristo, 2017, p. 68). Para Luandi, o soldado é aquele que, em oposição àqueles que não podem, inflige violência, possui poder para mandar e dominar outrem.

Em outros momentos da narrativa de Conceição Evaristo, os objetos adquirem um caráter simbólico da identidade da família Vicêncio, remetendo, também, à carga de ancestralidade negra nela presente. Ao ir em uma exposição de arte popular com o colega Nestor, Luandi encontra esculturas de barro que ele reconhece como objetos confeccionados pela irmã e pela mãe: “ele se apoderou

carinhosamente de uma canequinha de barro e com a voz embargada, quase em choro, gritava, é minha, é minha. E feito criança, bulia em tudo chamando pela mãe e por Ponciá” (Evaristo, 2017, p. 89). Através desses objetos, a personagem se reconecta novamente com sua identidade familiar, assim como quando retornou à vila de origem.

As canecas de barro, confeccionadas pela mãe e irmã de Luandi, são objetos por meio dos quais ele contempla sua história, sua tradição. As peças refletem sua verdade e trazem marcas de sua ancestralidade. Enquanto isso, o espelho sugere uma imagem enganosa, porque constitui a identidade fantasiosa, com a qual o ser se veste para se afirmar socialmente, alcançando o tão esperado prestígio. É necessário não esquecer que as canecas são feitas de barro, matéria que remete à terra, ao solo originário e primevo do personagem. Já o espelho, conforme a descrição e a origem, traz o requinte e a distinção que Joãozinho (transformado em Jacobina) pretende conquistar.

É mister, nesse ponto, ressaltar que, para Luandi, assumir o cargo de soldado em nada o colocaria em conflito com sua família, pois utilizaria sua influência para achar a irmã e a mãe, e também para ajudá-las: “Agora sim, é que ele devia se tornar soldado, para ter o poder de achar a mãe e a irmã” (Evaristo, 2017, p. 86). Todavia, somente ao final da história, ele se dará conta da contradição entre as duas identidades. Nesse evanescente conflito de identidades que paira sobre a trajetória de Luandi, ecoa a reflexão de Hall (2006) acerca da impossibilidade de se evitar as diversas identidades que convocam o sujeito à assunção. Segundo Woodward (2014), o processo de criação de uma identidade é fundamental para a compreensão que o indivíduo tem sobre cada contexto sociocultural.

Como se depreende a partir dessas breves incursões, Conceição Evaristo e Machado de Assis empregaram a farda e alguns outros elementos como sintetizadores das identidades que permeiam as trajetórias de suas personagens. Em *Ponciá Vicêncio*, a personagem Luandi se encontra em uma ambiguidade: o seu papel como soldado cidadão em oposição à assunção de suas raízes ligadas ao campo e à família. A opção pela segunda leva-o a uma autocompreensão de si e ao fortalecimento dos laços com sua família. Por outro lado, em *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, apesar de Machado de Assis também introduzir uma dicotomia de identidades, não há saída possível para Jacobina. Este está enclausurado entre deixar-se corromper totalmente pelo cargo de alferes e

pela representação que a sociedade faz dele, ou continuar um indivíduo sem importância alguma em seu meio.

### CONSIDERAÇÕES finais

O conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* e o romance *Ponciá Vicêncio*, através de suas confluências e dessemelhanças, oferecem um amplo arcabouço de intrigas que possibilitam questionar a noção de unidade identitária do sujeito social, tão comum até a metade do século passado. Embora a obra de Machado de Assis pertença ao século XIX, anterior à expansão das conexões que acarretaram o processo de globalização, ele já se interessava pela análise da relação entre o indivíduo e suas múltiplas identidades. Conceição Evaristo, em sua escritura contemporânea e afro-brasileira, tensiona as rivalidades e forças que atuam na construção e reconstrução da identidade do indivíduo perante identidades mais amplas, como a da família e da ancestralidade.

Tanto o conto machadiano quanto o romance evaristiano recorrem à memória coletiva para reconstruir e reconfigurar identidades perdidas e esquecidas. Nesse âmbito, a convergência entre os autores é muito próxima, porém ela se distancia especialmente no desfecho que o conflito de identidades vai tomar em cada narrativa. Conceição Evaristo opta pela recuperação de uma identidade primária, ancorada na família e na comunidade. Machado de Assis entona a complicação sem desfecho, na qual o indivíduo, por não encontrar solução para sua ambiguidade, permanece em um estado de necessidade de reforço, aplausos, reconhecimento.

109

### REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”. In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 208-220.

ASSIS, Machado de. “O espelho: esboço de uma nova theoria da alma humana”. In: ASSIS, Machado de. *Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 241-257.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance”. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 51-80. (Debates).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Algés: Difel, 1997. (Memória e sociedade).

EVARISTO, Conceição. “A escrevivência e seus subtextos”. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GILROY, Paul. “‘Jóias trazidas da servidão’: música negra e a política da autenticidade”. In: GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. p. 157-221.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE; Milton Keynes: The Open University, 1997. p. 13-74.

LOPES, Jahan Natanael Domingos. Estudo sobre os griots e griotes africanos: a ressalva da tradição na modernidade. In: SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNICAMP, 12., 2019, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 2019. [p. 1-6]. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/semanageounicamp/article/view/3430>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SCHWARZ, Roberto. “Duas notas sobre Machado de Assis”. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 165-178.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: uma perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

Artigo recebido em 31 de agosto de 2024.

Artigo Aprovado em: 07 de outubro de 2024.